

RUBEM BRAGA DESCREVE, HOJE, O ATAQUE DA AVIAÇÃO ALEMÃ A UMA CIDADE OCUPADA PEL OS BRASILEIROS E NOS FALA DO ENTUSIASMO DOS

PILOTOS DA FAB ANTE A POSSIBILIDADE DE COMBATES AEREOS

## UM AVIÃO NAZISTA MATOU SOLDADOS BRASILEIROS

COM A FEB NA ITALIA — De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — A aviação alemã que há muito tempo não aparecia, tem aparecido nestes últimos dias. Alguns pilotos da FAB me contaram, sábado, que viram passar a certa distancia quando voltavam de uma de suas habituais missões, dois aviões nazistas. Eram dois caças de grande velocidade, com propulsão a foguete. Iam na direção de Itália, e não tentaram atacar os nossos caças Estes, com velocidade muito menor, não os podiam perseguir. Essa notícia chegou á sala do "briefing" (a sala onde o comandante de grupo dá a cada piloto que vai acompanhá-lo, diante do mapa, a rota que devem seguir e como devem agir sobre o objetivo) em um momento em que

ali estavam muitos pilotos, já de "papo amarelo" pendurado, prontos a sair. Foi uma explosão de vivas e tapas nas costas, e todos correram para um grande mapa, onde os recém-chegados apontaram o lugar exato em que tinham visto passar os aviões do sr. Goering. Essa excitação aumentou daí a pouco, quando chegaram mais dois pilotos — cada um com um belo rombo de "flak" no seu aparelho, lembrança dos canhões anti-aéreos nazistas — e mais ainda quando se soube, pelo radio, que aparelhos do grupo estavam enfrentando caças alemães em alguma parte sobre o Vale do Pó. Não se sabia se os aparelhos que estavam em luta com os alemães eram americanos ou brasileiros. Havia, naquele momento, algumas esquadrilhas nossas no

ar — e a coisa podia estar se passando com uma delas.

— "Eles devem estar de volta dentro de uma hora. O comandante é o Pamplona".

Eu tinha uma longa viagem a fazer, mas resolvi esperar. Afinal chegaram os homens: não, o combate não tinha sido com eles. Fomos almoçar, e a conversa no almoço foi animada e alegre: parecia que os homens da primeira missão do dia tinham visto passarinhos verdes, e não aviões nazistas.

Esses rapazes certamente não fazem pouco dos pilotos da Luftwaffe (ninguem pode fazer pouco deles) mas a verdade pura é que, depois de quase um mês e meio de bombardear e metralhar o inimigo no chão, a perspectiva de enfrentar o inimigo no ar os entusiasmava. Um deles já arreventou um avião na-

zista — mas pousado no campo.

Deixei os homens da FAB, voltei ao meu acampamento da FEB e uma notícia que ouvi no caminho foi confirmada: alguns bombardeiros alemães andaram em excursão pela frente do 5.º Exército, e um deles largou bombas sobre uma localidade em que estão os brasileiros. Conheço essa localidade, onde mais de uma vez já vi cair granadas da artilharia alemã. Há muito tempo, entretanto, não aparecia avião inimigo. Num zona onde passam aviões amigos e inimigos, todo mundo presta atenção ao ruído dos motores — e com um pouco de pratica aprende a diferença. Mas quando o inimigo é escasso, o pessoal facilita. Um jornal daqui contou o caso de alguns soldados americanos que

estavam numa colina e viram aproximar-se um aparelho, que descia. Continuaram a conversar tranquilamente, sem dar a menor importância ao avião — que de repente abriu, num "strafing" rápido, uma rajada

de metralhadora em cima deles. Nenhum morreu, e apenas um ficou ferido — mas creio que todos, desse dia em diante, passaram a olhar com menos displicencia para o céu ao ouvirem o barulho de um motor.

Sabendo que de nosso lado o fogo anti-aéreo é numeroso e feroz, e principalmente que os aliados dispõem aqui de um exame espetacular de aviões de caça, os alemães não podem, está visto ter a pretensão de fazer com seus aviões, nesta frente, qualquer coisa de importância militar. A superioridade aliada no ar é esmagadora — e eles não

têm aviões em numero suficiente para fazer aventuras. Tudo a que se arriscam são essas excursões rápidas e fortuitas destinadas a "efeito moral". Não se tem noticia de nenhuma dessas raras excursões dirigida contra qualquer objetivo militar de importância. O avião vem e larga suas bombas. As tontas, tratando de voltar depressa.

Não é provavel, na verdade, que devamos sofrer muitos ataques nazistas. Mas eu conheço bem os rapazes da FAB e imagino o que eles sentirão ao saber que um avião alemão matou soldados brasileiros. E também o que o farão — e com que furia solta e imediata haverá de fazer! — no dia em que afinal toparem no ar um aparelho nazista.

EU SÓ ESTAVA OLHANDO, COM A MÃO NO GATILHO...

## ...E OS ALEMÃES FORAM SAINDO COM OS BRAÇOS PARA CIMA

GERALDO PIERRE, O SARGENTO DAS PATRULHAS, CONTA UMA HISTÓRIA DE GUERRA — CADA SOLDADO FEZ O SEU PRISIONEIRO. — ERA PRECISO VER A CALMA DO SILVA INTIMANDO, EM ALEMÃO, AOS ALEMÃES QUE SE RENDESSEM

Rubem Braga

(Correspondente de Guerra do  
DIÁRIO CARIOCA)

COM A FEB NA ITALIA — (De Rubem Braga, correspondente do DIÁRIO CARIOCA) Via Aérea) — Geraldo Pierre vivia em Caçapava, pintando tabuletas, fazendo letras, desenhando. Sua mãe, dona Maria Augusto Pierre, continua em

— “O negocio foi o seguinte: Eu saí com o sargento, e em sua companhia é conhecido como “o sargento das patrulhas”.

— “Quantas, Pierre?”

— “Que eu comandi mesmo, sete”.

Um cabo que está perto, diz:

— “Oh Pierre, conta aquela dos prisioneiros... Aquela que você saiu com quatro homens...”

Já ouvi falar nessa história, e fico satisfeito em ver que era aquele o homem que andei procurando uns tempos atrás.

— “O negocio foi o seguinte. Eu saí com 4 homens numa patrulhinha para fazer uma ligação com a 4ª Companhia. Nós estávamos ali há pouco tempo e eu não conhecia o lugar. Levei um italiano comigo para me mostrar o caminho. Nós tínhamos de pegar ligação com um sargento da 4ª, que devia estar numa casa virando o morro, e o tenente Fagundes disse: vocês vão correndo porque eles atiram de morteiro no caminho. O italia-

no foi na frente. Isso foi pouco antes de começar a cair neve, mas havia uma lama danada e quando a gente ia subindo o morro escorregava muito. O italiano era danado para andar depressa. Chegamos do outro lado do morro muito cansados.

Vi que tinha uma casinha ali.

Fomos lá fazer um reconhecimento e não tinha ninguém dentro. Só tinha pombos, eu acho que o italiano que morava ali tinha mania de criar pombos. Mandeí os homens ficarem dentro da casa para descansar um pouco e fiquei lá fora resolvendo. O italiano me dizia que ali é que devia estar a patrulha da 4ª. Vi assim mais para cima do outro morro outras casas. Resolvi ir até

lá. Chamei os homens e subimos. Perto da primeira casa encontramos o jogo no chão um cinto e logo depois um capote que pareciam ser de alemão. Achei aquilo meio exótico, mas fui tocando. Entramos na primeira casa. Não tinha ninguém lá, só uns montes de maçãs num canto. Na outra casa havia um monte de batatas, mas também não tinha ninguém. Fomos reconhecer a terceira casa. Eu entrei na frente, andei para um lado e outro e não vi nada. Num quarto vi, jogada no chão, uma

boneca grande, muito bonita.

Pensei assim: na hora de ir embora vou carregar aquela boneca para mim. Fui lá para fora e fiquei olhando de binóculo para ver se conseguia enxergar algum movimento. Numas casinhas num outro morro vi uns homens, mas não dava para ver se eram brasileiros ou alemães. Eu estava ali assim, olhando, quando o italiano chegou perto de mim e disse baixinho que tinha visto uns fuzis lá dentro da casa.

Fui com ele e olhei por uma fresta que dava para uma espécie de porão. Era um porão que estava fechado e onde nós não tínhamos ido, achando que não valia a pena. Olhei e vi mesmo umas armas, mas não via bem, e não sabia se eram de brasileiros ou não. Ai nós saímos da casa outra vez, e então eu reparei que tinha ali fios de telefone. De gente nossa não podia ser, porque o sargento que eu estava procurando devia vir ali para se encontrar

comigo, e a nossa posição que podia ter telefone era muito para diante.

Foi aí que desconfiamos. Chamei os soldados para um lado e disse: “Olhe pessoal, dentro dessa casa tem alemão. Nossa missão nessa patrulha não tem

(Conclui na 4ª pag.)



10.2.45  
segue

Patrulha de Ligação - Fev. 45 - FEB  
pg 238

125

## ...E os Alemães Foram Saindo Com os Braços Para Cima

(Conclusão da 3ª pag.)

nada com isso, nós não saímos para fazer prisioneiros nem nada, mas eu acho que a gente deve atacar esses homens. Eles têm telefone lá em baixo e com certeza viram nosso movimento e já avisaram aos outros. Brasileiro não é que está aí, porque senão, ouvindo nossa conversa, eles teriam dado sinal. Como é, vocês querem pegar esses homens?" Os soldados ficaram calados, um momento, e um deles, o Jesuino...

— "Jesuino de que?"

— "Jesuino Vieira da Silva, soldado 4079". O Jesuino disse assim: "o sr. é que dá a ordem. Se é para ir a gente vai". Eu fui, respondi: "não, eu não estou dando ordem, estou perguntando se vocês topam". Ai todos logo responderam que sim, "O que o senhor fizer está bem feito".

Então eu fiz o seguinte. Pus uns homens de vigilancia em cada lado da casa. A nossa F. M. ficou apontando para a porta, e o Silva foi abrir a porta. (José Bueno Silva, soldado numero 4078). Eu fiquei apontando para a porta com a submetralhadora. O Silva — o senhor precisava ver a calma dele — pegou uma granada, tirou o grampo, abriu a porta com a outra mão e gritou um nego lá para dentro em alemão. Ele é do Paraná, sabe umas coisas em alemão. Ele já ia jogando a granada quando os alemães gritaram lá dentro e largaram as armas. Ai veio um e saiu, com os braços para cima. Depois veio mais outro. Eu só estava olhando, com a mão no gatilho, e o Silva prendendo o capacete da granada com a mão para ela não explodir.

Ai saiu outro, depois outro. Eu pensei assim: ai, ai, está saindo atemão demais aí de dentro. E era cada bruto homem, uns cavalões! Mandeí eles treir se encostando na parede com as mãos para cima. Saiu outro, eram 5. Nós também eramos 5, e eu pensei assim: esses alemães podem fazer uma falseia com a gente. Resolvi voltar; mandei o italiano na frente ensinando o caminho e depois os alemães, e nós atrás, tudo correndo. Quando passamos na quella casa onde tinha os pombo, estava lá o sargento da 4.ª com uma patrulha grande. Eu gritei para ele que estava com aqueles prisioneiros e não podia conversar com ele, e que tomasse cuidado que tinha alemão por aí. Depois eu soube, porque esse sargento da 4.ª me contou: logo que nós saímos, apareceram uns alemães cercando a casa lá de cima. Si a gente bobeasse 5 minutos, estava mesmo perdido, porque os danados tinham telefonado no porão avisando. Outro dia nós voltamos lá e o Silva atirou uma granada de fuzil pela janela. Mas ainda tem alemão lá dentro daquela casa. Só sei que o pessoal até a bou graça quando viu nós cinco voltando com 5 prisioneiros. Nós tinhamos saído só para uma patrulha de ligação...

10.2.45

Patrulha de ligação - Fv. 45 - FEB